

ESTUDO EPISTEMOLÓGICO DA TEORIA FREUDIANA DA FEMINILIDADE

Mariana Rosa Cavalli Domingues¹

Recebido em: 14/10/2013 | Aceito em: 21/02/2014

Resumo: Muitas vezes, se questiona o papel da psicanálise nas discussões sobre gênero. O presente artigo tem como objetivo realizar um retorno à teoria freudiana sobre a mulher e a feminilidade. A primeira parte do artigo trata das concepções do feminino provenientes dos estudos sobre afecções psicológicas, como a histeria e a fobia. A segunda parte disserta sobre a importância que Freud conferiu aos aspectos do contexto social para o desenvolvimento das mulheres. Freud afirma que a diferença anatômica entre os sexos é a base para as distinções de gênero. Este foi o tema abordado na terceira parte do artigo

Palavras-chave: Feminilidade. Sexualidade feminina. Complexo de castração.

EPISTEMOLOGICAL STUDY OF THE FREUDIAN THEORY OF THE FEMININITY

Abstract: Often the role of psychoanalysis in discussions on gender is questioned. This article aims to achieve a return to the Freudian theory about the woman and femininity. The first part of the article deals with the conceptions of the feminine from studies on psychological disorders such as hysteria and phobia. The second part lectures on the importance that Freud gave to aspects of social context for the development of women. Freud states that the anatomical difference among sexes is the basis for the distinctions of gender. This was the topic discussed in the third part of article

Keywords: femininity, feminine sexuality; castration complex.

Estudo epistemológico da teoria freudiana da feminilidade e suas contribuições para a atualidade

Existem muitos estudos sobre a mulher e a feminilidade em diferentes áreas do saber. A teoria psicanalítica proporcionou, por meio da compreensão da histeria e dos processos inconscientes, avanços sociais e teóricos, mas não se livrou de contradições. Em alguns momentos, Freud parece revolucionário e libertador quando descreve os prejuízos da repressão da sexualidade feminina e as amarras da sociedade vienense. Por outro lado, este mesmo autor ainda demonstra estar fortemente ligado aos padrões da família burguesa tradicional, na qual as mulheres são as donas de casa e responsáveis apenas pelos assuntos de família. Desta forma, é importante compreender melhor as falas de Freud para evitar equívocos e interpretações apressadas acerca de seu posicionamento.

¹ Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Londrina, especializada em Psicologia Clínica pela Universidade Católica Dom Bosco e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. Atua desde 2004 como psicóloga clínica e atualmente é psicóloga judiciária do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. E-mail <mrosacavalli@yahoo.com.br>

Na teoria freudiana, muito foi falado sobre a mulher, desde “Estudos sobre histeria” (FREUD, 1895a), com a descrição detalhada de casos femininos, até o delineamento da posição que as mulheres ocupam na cultura ocidental, definidas por uma função de estruturação familiar na sociedade, como aparece em “Mal-estar na civilização” (FREUD, 1930) e em diversos outros trechos da obra freudiana. Deve-se considerar que, em nenhum momento, Freud manifesta posição decisiva sobre o tema, mantendo a mulher como algo indecifrável e misterioso. Esta espécie de precaução teórica aparece claramente na “Conferência XXXIII” (FREUD, 1932), quando afirma que a feminilidade seria um campo para poetas e artistas, ou quem sabe para a ciência futura.

O assunto, de forma geral, apresenta dificuldades, mas alguns pontos são ainda mais polêmicos, como é o caso da sexualidade feminina. Na biografia de Freud, Gay (1989) chega a afirmar que Freud admitia nada saber sobre o orgasmo feminino e tratar o assunto com espantoso desconhecimento.

Em suas elaborações teóricas, Freud não pôde evitar alguns comentários que seriam interpretados como machistas e limitados à concepção social de sua época. Mesmo assim, não se pode negar que a psicanálise proporcionou à humanidade certa libertação de amarras morais e intelectuais fortemente construídas, como a idéia de um ser humano consciente e dono de si.

As concepções do feminino provenientes de estudos sobre afecções psicológicas como a histeria e a fobia

Segundo Birman (2001), a teoria de Freud sobre a mulher pode ser dividida em dois momentos: um inicial, no qual desenvolve os “Estudos sobre a histeria” (FREUD, 1895a) e que marca o princípio da trajetória da psicanálise; e um momento posterior, no qual fala sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, desvelando novas teorias sobre o Complexo de Édipo, a escolha de objeto e sua relação para com ele. Também neste segundo momento, entra em questão a inveja do pênis como característica feminina, assim como a beleza e a sedução sendo usadas como meio de superar sua inferioridade fálica.

Nos estudos sobre a histeria, Freud (1895a) descreve detalhadamente casos de mulheres que desenvolveram sintomas graves desta neurose. Na época, esta doença desafiava os médicos, pois os tratamentos eram ineficazes e as causas pouco precisas. Como a maior parte dos pacientes eram mulheres, Freud questionava que fatores faziam com que o sexo feminino fosse mais acometido pela doença. Mesmo contrariando as tendências da época, o autor não teve como desviar da relação entre a sexualidade e a doença. Nestes textos, tocou no aspecto da passividade, do desejo pela maternidade, do desejo da emancipação e da revolta contra a submissão a que muitas mulheres estavam submetidas. Mais adiante, no estudo sobre o caso “Dora”, Freud (1905) toca no aspecto da sexualidade feminina que encontra sua definição na relação e comparação com outras mulheres. De certa forma, acabou por criar a base para toda uma discussão sobre a feminilidade que seria desenvolvida por seus estudiosos.

Chasseguet-Smirgel (1988) e Gay (1999) afirmam ser interessante notar que a descrição de características femininas também se dava nos textos sobre fobias e obsessões, o que fica explícito no texto “Obsessões e Fobias” (FREUD, 1895b). Nestes estudos, a repressão da sexualidade das mulheres é tão forte que as pacientes desenvolvem uma série de sintomas para evitar os pensamentos erotizados considerados contrários à moral da época.

De forma geral, a concepção do conceito de que os sintomas eram fruto das idéias reprimidas fazia com que o conflito psíquico fosse a base da neurose. Isso é o que faz de Freud um autor inovador, pois ele estabeleceu um sentido para a loucura. É verdade que talvez fossem mesmo figuras à margem da sociedade; a diferença é que foram compreendidas em seu sofrimento, provando que havia uma lógica por trás da aparente insanidade.

A mulher histérica se desenharia agora pelos imperativos de seu erotismo, assumindo então novas feições, nas quais se reconheceriam finalmente as belas produções do seu pensamento e suas virtudes éticas inexistindo naquela qualquer traço malévolos de degeneração (BIRMAN, 2001, p. 172).

Aspectos do contexto social que interferem na concepção do feminino

Porém, o trabalho com histéricas e fóbicas não pode ser a base para uma discussão sobre a feminilidade e a mulher. É possível que muitos aspectos sejam aproveitados destas lições, pois características específicas levam as mulheres a serem as mais acometidas pela histeria, quais sejam: a passividade, a alta capacidade de serem sugestionadas, a carência afetiva e a repressão da sexualidade.

É possível afirmar que, para Freud, não se trata apenas de uma questão política e social. A repressão da sexualidade é um aspecto que se modifica na história dos povos, e Freud não poderia deixar passar despercebido um aspecto tão importante quanto este. Em cada cultura, é possível observar traços morais definidos por religiões e regras implícitas ou explícitas construídas socialmente. Freud fez observações sobre a presença feminina nas expressões culturais e nos ícones religiosos de diferentes culturas. Isso pode ser observado nas considerações sobre Diana (FREUD, 1911), marcando a presença feminina na cidade de Éfeso. A adoração pelo feminino é tão comum quanto seu repúdio, o que demarca mais um ponto conflituoso sobre o assunto.

Freud também comenta diferentes obras artísticas e literárias que descrevem o mundo feminino, como a obra de Shakespeare “O mercador de Veneza”, em que características femininas são colocadas na metáfora da escolha entre cofres de metais diferentes (FREUD, 1913). A simulação e sedução do brilho do ouro e da prata apontam às armas femininas mais tradicionalmente descritas. Já o cofre opaco e sem graça remete ao sentimento genuíno e menos exibido. Outro texto que se refere ao estudo da feminilidade é o comentário sobre o livro “Gradiva”, de Jensen (FREUD, 1907), em que a delicadeza e a inteligência aparecem como qualidades femininas que superam a simulação.

Contudo, as influências sociais e culturais não são suficientes para se explicar as determinações da feminilidade. Freud admite, em certos pontos da obra, que o contexto cultural reforçaria ou não estes conflitos. Mas, fugindo de uma lógica puramente social na determinação das características de gênero, a teoria freudiana apresenta um novo argumento. Freud considera que as condições anatômicas na menina acabam por predispor uma série de condições psicológicas que se mesclam às normas sociais. Então, neste ponto, saímos de uma discussão propriamente sobre a psicopatologia feminina e invadimos a questão da mulher, como sujeito que possui uma castração corporal como referência para sua sexualidade e que está inserida numa sociedade com normas culturais estabelecidas.

A diferença anatômica entre sexos e o complexo de Édipo feminino

Freud já havia publicado muitos textos sobre a sexualidade infantil quando, em 1926 no texto “A questão da análise leiga”, caracterizou a feminilidade como o “Continente negro”. Este comentário mostra que a sexualidade da menina era assumidamente uma área pouco conhecida: “Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa situação; a final de contas, a vida sexual das mulheres adultas é um continente negro para a psicología.” (FREUD, 1926, p. 242).

Segundo Macey (1988), na expressão “continente negro” há uma referência ao continente africano e à pesquisa arqueológica, expressando a dificuldade de acesso. Freud (1931) chega mesmo a comparar a descoberta psicanalítica da fase pré-edípica na mulher com a descoberta arqueológica da civilização mino-micênica, anterior à grega, afirmando que “nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-edípica, nas meninas, nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-micênica por detrás da civilização da Grécia.” (FREUD, 1931, p. 234).

O continente negro, portanto, seria uma aventura rumo ao desconhecido, tal como um continente distante e misterioso ou uma civilização anterior àquela já conhecida. Esta comparação entre o desenvolvimento feminino e a descoberta de uma cultura anterior à grega remete à importância de um período anterior ao complexo de Édipo. Um período primitivo do desenvolvimento psíquico que revela uma característica arcaica e feminina.

O estudo do complexo de Édipo dentro da psicanálise é tão importante que passa a ser peça indispensável quando se fala de desenvolvimento e, no caso deste estudo sobre a feminilidade, não seria diferente. Inicialmente, Freud pouco comentou sobre as possíveis diferenças do complexo de Édipo nas meninas, apenas afirmou que seria análogo ao ocorrido com os meninos (FREUD, 1905). Posteriormente, afirmou que as meninas possuíam um desenvolvimento edípico diferente dos meninos (FREUD, 1925, 1931, 1932). Declarou que, antes de ingressar no Complexo de Édipo, elas passam por uma relação muito íntima com a mãe e encontram nela seu primeiro objeto de desejo durante o que nomeou de período pré-edípico.

Neste período, a menina tem postura ativa e masculinizada, manifestando todas as características masturbatórias dos meninos como se suas genitais fossem idênticas. Trata-se de um momento de indiferenciação. A percepção da diferença anatômica como determinação de uma diferença de gênero demora a ocorrer; ela é sentida inicialmente como uma comparação formal em que as meninas saem perdendo, pois entendem que lhes falta algo iniciando, portanto, o complexo de castração antes do complexo de Édipo. Neste sentido, enquanto os meninos temem perder algo, as meninas já se descobrem faltantes. É preciso que passem pelo complexo de castração para que, frustradas com a mãe e com o próprio sexo, possam entrar no complexo de Édipo propriamente dito. Quando isso ocorre, a menina ao mesmo tempo rivaliza e se identifica com a mãe, tomando o pai como objeto de desejo (FREUD, 1925, 1931, 1932).

Nesta mudança de objeto da mãe para o pai, a menina realiza um importante deslizamento do seu objeto de desejo do pênis para o bebê, que neste período ela acredita que lhe será dado pelo pai. A menina, portanto, realiza trabalho tortuoso de frustração e mudança de objeto no caminho para a feminilidade, que inclui, além de uma mudança de objeto sexual, também uma alteração da postura libidinal que determina a retirada de uma posição ativa. Isso ocorre porque a menina inicia a descoberta da sexualidade tal como

o menino: numa posição ativa para com seu clitóris. No caminho para feminilidade, devem abandonar a masturbação infantil e ter na erotização da vagina a descoberta do que é ser uma mulher (FREUD, 1931 e 1932). Portanto, um dos pontos que define uma mulher para Freud é a capacidade de gerar bebês – o que substituiria o desejo pelo pênis. Este passa a ser um mero caminho para alcançar o objeto fálico para uma mulher: o bebê (FREUD, 1931 e 1932).

Ser mulher é ser mãe?

Ocorre que a diferença anatômica é a base para atribuições de gênero e suas consequências psíquicas. Segundo Freud (1931, 1932), as meninas não encontram um referencial em seu corpo para se dizerem mulheres, porém percebem esse referencial na capacidade de gerar um norteador. A menina logo percebe que a figura da mãe com o bebê é algo forte e a mãe torna-se um símbolo de mulher fálica – com falo. Em Freud, este ponto se localiza no deslizamento do desejo pelo pênis ao desejo pelo bebê. Ou seja, como as meninas não estão providas de pênis e assim, são prejudicadas, facilmente veem-se na possibilidade de adquirir o falo por meio da posse do filho. Por isso, existe uma ligação entre a definição de feminilidade com a maternidade. Sob este aspecto, ser mãe definiria uma mulher, de forma que aquelas que não querem ou não conseguem gerar um filho ficam à margem.

Atentemos, no entanto, para o fato de que a maternidade está localizada numa posição fálica da mulher, ou seja, cuidar, educar comandar a vida de um ser humano indefeso. Ser mulher implica ser mãe e usar destes atributos. Esta seria a saída para não sucumbir à castração completa, ou seja, além de física também simbólica.

Contudo, Freud havia afirmado que, para chegar à feminilidade, a mulher deve dar entrada numa posição passiva e no abandono da posição ativa. E, neste sentido, também na maternidade não podemos deixar de observar como as mulheres grávidas ou com filhos pequenos acabam ficando mais frágeis e como desdobram uma grande quantidade de energia para cuidar das crianças. O deslocamento, a realização de atividades e a autonomia da mãe ficam prejudicadas pela necessidade que os filhos apresentam.

Falar de maternidade não esgota o tema da feminilidade, trata-se apenas de um aspecto. Desta forma, prossigamos entendendo melhor o desejo e a sexualidade feminina propriamente dita.

Sobre a inveja do pênis e a posição fálica

As crianças pequenas não interpretam a ausência de pênis como a diferença entre homens e mulheres, mas sim como falta ou mutilação. Inicialmente, as meninas criam a fantasia de que possuem um pênis pequeno ou esperam que ele cresça, o que se transforma em ressentimento quando percebem que sua fantasia fálica não se concretizará (FREUD, 1908). A frustração é consigo mesma e com todas as mulheres, ou seja, a decepção é com o próprio sexo feminino.

Outro aspecto que chama a atenção é o fato da relação de uma menina para com sua mãe ser muito conflituosa. Em ambos os sexos, é possível constatar a queixa de que a mãe não lhe forneceu leite suficiente, mesmo que isso não fosse verdade. É como se o ser humano estivesse sempre insatisfeito sobre a

quantidade de leite que ingere na primeira infância. O problema é que a menina tem mais uma reclamação: ela acredita que a mãe é a responsável por ela não possuir o pênis. Esta acusação tem peso significativo e determina a relação entre mãe e filha, que, por meio de identificações e revoltas, criam a noção de feminino. É típico das meninas esta relação ambígua para com sua mãe, mesmo porque a mãe, além de rival no complexo de Édipo, fora o primeiro objeto de amor frustrado.

É como se a teoria da universalidade que unia todos os seres vivos pela presença do pênis fosse destruída, já que as mulheres podem sobreviver sem ele. Neste caso, pode-se pensar nas questões lógicas colocadas por Lacan (1985) e que foram comentadas por David-Ménard (1998) nas quais o feminino é ausência, é a inscrição daquilo que fica em torno de um vazio, mas que se inscreve. Ou seja, o órgão genital feminino pode ser representado como o contorno de um vazio; um buraco, mas que, de alguma forma, deve ser compreendido. Na ânsia pulsional do desejo e do gozo, as mulheres se saem muito bem; segundo Lacan, podem ir além da satisfação fálica, o que lhes proporciona tipos variados de gozo.

Se não há universalidade fálica, menos ainda igualdade entre os sexos, a diferença parece ser de difícil inscrição no ser humano. Aquilo que é feminino e o que é masculino, inicialmente, não existem como diferença e permanecem num jogo da universalidade. Depois da descoberta das diferenças anatômicas entre os sexos, inicia-se o jogo de presença e ausência do falo. Somente a partir desta distinção é que a distinção entre os sexos começa a se instituir. A grande dificuldade é o feminino ser compreendido e representado a partir da ausência de algo – o falo.

A sexualidade feminina – o gozo feminino

Conhecendo o conceito de castração, é possível perceber que ele não é exclusivo das mulheres e por isso não serviria como única definição do ser feminino. Como as mulheres possuem experiência diferenciada com a castração, pode-se afirmar que a feminilidade seria aceitar a castração corporal superando-a metaforicamente ou significativamente.

Enquanto nos meninos o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração(...) a diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida, corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada. (FREUD, 1925, p. 285).

Neste sentido, Birman (2001, 2006) arrisca um caminho pelo conceito de sublimação, colocando que as mulheres teriam mais possibilidade de criação e mobilidade que os homens, justamente por não permanecerem amarradas pelos limites fálicos. Teoricamente, esta idéia se sustenta, pois, de fato, supera a castração no corpo, podendo criar maneiras diferentes de satisfação e poder. Porém, em alguns trechos, Freud afirmava o contrário quando admitia que as mulheres tinham menos capacidade de sublimação do que os homens e que, por isso, o trabalho fora de casa lhes era tão desgastante e inadequado (FREUD, 1932).

Um ponto defendido teoricamente por Freud é o fato do superego nas mulheres ser mais fraco de-

corrente de seu lento abandono do complexo de Édipo. As frustrações com o impedimento do incesto e o complexo de castração finalizam o complexo de Édipo no menino. Mas, na menina, as coisas acabam ocorrendo de forma diferente; como elas já passaram pelo complexo de castração e percebem-se castradas, elas não manifestam medo de perder o falo, apenas seguem buscando encontrá-lo no homem. A frustração com o impedimento do incesto vai lentamente se confirmando, fazendo com que ela tenha uma formação irregular do superego. Assim, Freud afirma que as mulheres são mais parciais em seus julgamentos e podem defender os seus entes mais próximos sem pensar nas regras mais amplas de uma sociedade. (FREUD, 1932, 1931, 1930).

O fato é que, estando para além do falo, as mulheres conseguem se reinventar e podem criar novas formas de gozo. Lacan (1985) descreve bem estas características em seu Seminário, livro 20. Nele, é possível apreender como o gozo feminino alcança satisfação muito além do orgasmo físico, nem sempre necessário para muitas mulheres. Assim, é comum observar mulheres tão satisfeitas fazendo compras ou cuidando do cabelo, por exemplo – uma variedade de satisfação pulsional bem maior do que aquelas alcançadas pelos homens, que parecem estar mais presos à satisfação sexual (fálica) propriamente dita. Por isso, o conceito de sublimação se faz presente nesta discussão. As mulheres demonstram ter mais possibilidades de sublimar. Neste ponto, é necessário entender o feminino como sexo original.

O sexo original e o masoquismo feminino

Até este ponto, relacionamos o feminino e a sexualidade feminina em relação ao falo, referindo-nos, portanto, à sua ausência. Porém, também é importante notar que o falo se inscreve a partir de um determinado momento e que antes dele já havia sensações que deixaram marcas. Assim, homens e mulheres passariam por um período inicial de sua vida em que ficam à mercê dos cuidados externos como única maneira de vida, sem qualquer intervenção fálica. Estas primeiras sensações definem o que o adulto vivencia como feminilidade – tanto em homens quanto em mulheres. Como se estas sensações iniciais servissem como modelo para experiências futuras, que seriam entendidas como femininas. Segundo BIRMAN (2001, p. 240), “a feminilidade seria, enfim, um outro nome para denominar o masoquismo erógeno, maneira do sujeito lidar com as intensidades e com as forças pulsionais sem se valer e precisar necessariamente do referencial fálico”.

No artigo de Saad (2002), o modelo freudiano fálico-castrado também é caracterizado como uma forma de monismo sexual que pode ser visto sob novo olhar. Esta autora verifica a necessidade de uma distinção entre os termos utilizados em psicanálise. Ela propõe a seguinte distinção: o feminino corresponde à economia sexual em que, às vezes, refere-se à passividade e, outras vezes, à falta em relação à castração; a masculinidade, em oposição, refere-se à posse do falo e à atividade; a sexualidade feminina: trata-se de um destino da sexualidade na mulher; a feminilidade: referida à castração, é relacionada à vida pulsional anterior à lógica fálica, portanto, não inerente à mulher, mas como atributo de ambos os sexos.

Esta ideia parece apontar para o conceito de masoquismo feminino que, por meio de fantasias de ser castrado, sofrer coito ou dar a luz, aparece em homens e mulheres. Freud (1924) afirma no texto “O problema econômico do masoquismo” que parte da pulsão de morte se lança externamente por meio do sadismo e outra parte se mantém no organismo a serviço da sexualidade, compondo o masoquismo primi-

tivo erógeno. Este tipo de satisfação pulsional é tão primitivo que tem ligação com a sensação de dependência e incapacidade de um bebê de colo totalmente entregue aos cuidados parentais. Nesta definição, identificamos alguns pontos que foram definidos por Birman como a feminilidade original.

Freud, neste texto, não estava preocupado em definir a feminilidade, mas discutia pontos da economia libidinal que conferem com sua concepção de feminino. Portanto, a idéia de satisfação na posição passiva e submissa aparece, no último texto citado, como tipicamente feminina. Mas, mais do que isso, a sensação de fragilidade e de dependência parecem também trazer caracterização feminina para Freud.

Considerações finais

Temos, portanto, na discussão sobre a mulher, um ser que lida com a castração e a frustração em seu corpo e cria meios de se inscrever na lógica fálica por outros caminhos. Em Freud, a caracterização de fragilidade moral e pouca capacidade de sublimação pulsional são marcantes, assim como o poder, a sedução e a força. Possuindo características tão opostas, a feminilidade seria a forma de deslizar do ativo ao passivo; do pênis ao bebê; da castração à criação. Estas variações ocorrem constantemente na vida de uma mulher. Os homens também variam entre o ativo e o passivo e entre a castração e a criação, porém, a castração não é egossintônica com sua construção genital, pois possuem o pênis, o que faz com que possua relação diferenciada com perdas e frustrações. A relação feminina frente à castração não é a de medo da perda, visto que isso já ocorreu imaginariamente, mas sim do que deve ser feito para encontrar a satisfação. Assim, a mulher ainda intriga a psicanálise por construir sua satisfação para além do gozo fálico. As construções sociais e morais em torno dela influenciam neste processo de formação e nas possibilidades de adequação libidinal à civilização. Freud considera o compromisso feminino com a família algo essencial e ao mesmo tempo perigoso para a civilização. Então, mais uma vez, para falar das mulheres, Freud fala de oposição interna advinda do superego feminino. As dificuldades de sublimação também influenciariam na idéia de fragilidade feminina, tornando as mulheres mais passíveis ao adoecimento, visto que a pulsão sexual teria dificuldades na sublimação. A luta comum aos homens de viver em comunidade e sofrer todas as limitações da condição humana são marcadas por estas especificidades da subjetividade feminina.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, J. **Gramáticas do erotismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

BIRMAN, J. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. **Natureza Humana**, São Paulo, v.8, n. 1, p. 163-180, jan – jun, 2006.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **Sexualidade feminina**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

DAVID-MÉNARD, M. **Construções do universal**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1998.

- FREUD, S. A questão da análise leiga (1926). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. (1925). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Conferência XXXIII- A feminilidade (1932). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Delírios e sonhos de Gradiva de Jensen (1907). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1895a). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Fragmento da Análise de um Caso de Histeria (1905). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Grande é Diana de Éfesos (1911). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. O mal estar na civilização (1930). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. O tema da escolha dos escrínios (1913). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Obsessões e Fobias (1895b). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Organização Genital Infantil (1923). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina (1931). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Sobre as teorias sexuais das crianças (1908). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. Três Ensaios sobre a Sexualidade Infantil (1905). In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GAY, P. **Freud: Uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- GAY, P. **The bourgeois Experience**. Victoria to Freud. Volume 1 Education of the senses. W.W. Norton & Company: New York – London, 1999.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20** : “Mais, Ainda”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MACEY, D. The dark continent. In: **Lacan in contexts**. New York: Verso, 1988.

SAAD, A. Um outro olhar sobre a feminilidade: feminino-singular, o primeiro sexo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, Volume 36, Nº. 3, p. 603 – 629, 2002.